

Editorial

Este número especial da revista acadêmica *arq.urb* é dedicado aos curadores de exposições de arquitetura e, por extensão, às próprias exposições que, no entanto, comparecem como referenciais mais ou menos paralelos das experiências que os curadores nos apresentam, sempre, como depoimentos pessoais que iluminam não só o campo das exposições, mas, sobretudo, o campo da arquitetura.

O número especial, que se inicia com uma apresentação histórica do tema das exposições de arquitetura (e urbanismo) e das práticas de seus curadores, ficou a cargo de Fernando G. Vázquez Ramos, coeditor desta revista e professor da pós-graduação na USJT, comporta ainda, artigos de importantes profissionais de diferentes países. Obviamente do Brasil, com a participação de: Agnaldo Farias, arquiteto, professor da USP, crítico de arte e curador; Carlos Eduardo Dias Comas, arquiteto, professor da UFRGS e historiador; Marcelo Carvalho Ferraz, arquiteto e curador, sócio fundador do premiado escritório

Brasil Arquitetura, e Renato Anelli, arquiteto, professor da USP, pesquisador, curador e membro do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi. Dentre as contribuições internacionais estão: Marilyns Nepomechie e Eric Goldemberg (EUA), professoras da Florida International University Miami Beach Urban Studios; Pedro Azara (Espanha), professor de estética da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona e curador; Victoria Wilson (Inglaterra) foi curadora no Royal Institute of British Architects e hoje desempenha o cargo de Collections Manager da importante coleção de Ramsbury Manor (Wiltshire, GB); Francesco Maggiore (Itália), coordenador das atividades didáticas e científicas do Fundo Francesco Moschini (FFMAAM, Politécnico de Bari). Um de nossos convidados brasileiros, Carlos Eduardo Dias Comas, nos fala sobre uma exposição nos Estados Unidos e sua relação com curadores do MoMA, Barry Bergdoll e Patricio del Real, e com Jorge Francisco Liernur, da Universidad Torcuato di Tella, Buenos Aires, Argentina, que também participaram da exposição nos EUA.

O tom e as intenções de cada um dos artigos são bastante variados, o que enriquece o panorama apresentado, correspondendo justamente a um dos principais propósitos da revista, quando este número foi pensado. Alguns dos textos têm relações mais diretas com exposições específicas, como os artigos de Agnaldo Farias (Peter Eisenman no MASP), Carlos Eduardo Dias Comas (Arquitetura Latino-americana no MoMA) ou Victoria Wilson (Mies van der Rohe e James Stirling no RIBA). Outros são ponderações mais amplas que, embasadas nas experiências das exposições realizadas, percorrem as dúvidas, anseios, julgamentos, decisões, e desdobramentos das reflexões acerca das próprias exposições de arquitetura em nossos dias.

A ordem de apresentação não é fortuita, ainda que evidentemente os artigos possam ser lidos de forma independente seguindo qualquer ordem que agrade ao leitor (como uma Rayuela arquitetônica), mas o interesse da revista foi o de situar cada uma das ricas análises realizadas por nossos colaboradores dentro de um contexto maior. Obviamente os artigos não foram escritos pensando uns nos outros, os autores trabalharam de forma totalmente independente e livre, no entanto, uma vez recebidos e lidos os textos pelos editores, observou-se uma abordagem bastante unitária que demandava quase uma ordem específica de apresentação. Uma sequência que sugere um sentido mais amplo e, sobretudo, complementar.

A ordem sugerida foi a seguinte: uma apresentação cronológica (Fernando G. Vázquez Ramos), um relato sobre as exposições no Brasil (Agnaldo Farias), um entendimento político do papel das exposições (Marcelo Carvalho Ferraz), a percepção de uma dimensão educativa (Renato Anelli), a recuperação crítica da tradição expositiva e uma abertura para novos olhares possíveis (Carlos Eduardo Dias Comas), a perspectiva temática como campo de exploração das intenções da arquitetura (Marilyn Nepomechie e Eric Goldemberg), o reconhecimento do passado como experiência enriquecedora do presente (Victoria Wilson), a relações entre arte, poética e arquitetura (Francesco Maggiore), e finalmente, um questionamento ético sobre o material em exposição (Pedro Azara).

Esta ordem também se relaciona com os temas abordados. Assim, os textos de Farias, Ferraz, Anelli, Comas e, ainda Nepomechie e Goldemberg, conversam entre si comentando exposições ou temas em comum, como por exemplo, as exposições sobre América Latina no MoMA, ou ainda as poucas experiências expositivas sobre arquitetura no Brasil. Todos eles trazem, de uma forma ou de outra, reflexões sobre o significado das exposições (Anelli e Ferraz), o papel das instituições (Comas, Farias, Maggiore, Wilson), ou ainda a diligência dos curadores (Azara e Farias), incluindo suas expectativas e frustrações.

A apresentação traz uma abordagem sobre o nascimento e consolidação das exposições de

arquitetura e as intenções de seus criadores, que no início sequer eram considerados como “curadores”, mas vistos como promotores ou organizadores de mostras, quase sempre interessadas em produzir algum tipo de comoção pública. A história da consagração institucional das exposições e do surgimento do curador como uma figura profissional dedicada a pensar e pôr em prática esse tipo de exposições é também relatada na apresentação, que finaliza com a formulação das inquietações que levaram à revista *arq.urb* a sugerir este tema como questão central deste número especial.

Na sequência, o artigo de Agnaldo Farias nos apresenta a situação das exposições de arquitetura no Brasil, introduz um histórico de como se consolidaram, especialmente no final do século XX, e discute o papel das exposições de arquitetura dentro das grandes instituições culturais, como o MASP, o Museu da Casa Brasileira (MCB), o Instituto Tomie Ohtake (ITO) e o Centro de Arquitetura e Urbanismo (CAU), do Rio de Janeiro. Apoiado em sua enorme experiência como curador, pois foi curador geral do ITO, da Bienal de São Paulo e hoje atua como curador geral do Museu Oscar Niemeyer de Curitiba, Farias nos confronta com os problemas mais agudos que as exposições deste tipo vêm tendo no Brasil contemporâneo. Suas vicissitudes, dramas e desafios, uma vez que as prestigiosas instituições, que hoje poderiam realizar exposições de arquitetura, encontram sérios problemas para desenvolvê-las. Diante dessa pas-

sividade, pergunta-se o autor “como fica o papel do museu como um centro comprometido com a produção de conhecimento? Mais ainda, para que serve mesmo, um curador?”.

O artigo de Renato Anelli começa com um questionamento entrosado com o de Agnaldo Farias, continuando, quase, o pensamento deste sobre as instituições que tentaram desenvolver algum trabalho sobre exposições de arquitetura. Os comentários são complementares ao mesmo tempo que se enriquecem mutuamente. Na sequência, Anelli descreve sua própria experiência como curador dentro das atividades de Casa de Vidro (Lina Bo Bardi) e do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi. A descrição não é só enumerativa, mas aponta as dificuldades, não só funcionais, mas sobretudo conceituais, que a montagem de exposições apresenta na situação específica da casa-museo.

O artigo de Marcelo Carvalho Ferraz parece tentar responder às questões explicitadas pelos anteriores autores, quando afirma que “projetar ou construir uma exposição é um ato fortemente político”. Nesse tom, de questionamento do papel social das exposições, Ferraz se debruça sobre intenções das exposições de arquitetura que se propõe revelar um objeto que lhes é escorregadio, pois a finalidade da arquitetura não é a de ser exposta, mas a de servir de base material à vida. Assim, as exposições devem ser pensadas como formas comunicativas que levem o espectador a um entendimento esclarecedor, o autor defende

que o curador é, pode (e deve) “iluminar o passeio do espectador criando uma nova realidade”. A defesa do entendimento de que as exposições precisam de uma gramática própria, que não é necessariamente a da arquitetura em si, mas desenvolve parentescos com o cinema, com a literatura e com o teatro, reforçando o apelo na direção de um entendimento particular do fazer do curador como comunicador político de uma realidade social complexa, a arquitetura.

Segue, o artigo de Carlos Eduardo Dias Comas que nos coloca diante das vicissitudes das grandes mostras internacionais geridas por poderosas instituições culturais que investem em exposições de arquitetura desde praticamente o início desse gênero de fenômeno cultural. É o caso específico da exposição “Latin America in Construction: Architecture, 1955-1980”, realizada no MoMA no ano de 2015, organizada por Barry Bergdoll, Patricio del Real, Jorge Francisco Liernur e pelo próprio Carlos Eduardo Dias Comas. Esta montagem retoma outra do mesmo museu, de 1955, “Latin American Architecture since 1945”. Após 60 anos, os olhos dos curadores do museu se voltam novamente para a região tentando repensar, agora com a ajuda de especialistas locais, o que aconteceu com a arquitetura, do México e Cuba até o Cone Sul, entre 1955 e os anos 1980. A retrospectiva amplia a proposta do artigo anterior de um local para uma região inteira, mas partindo do mesmo pressuposto, como a arquitetura é capaz de expressar as condicionan-

tes sociopolíticas, sempre sob a luz da cultura dos grupos sociais que lhe deram forma (veja-se o artigo de Marcelo Ferraz). A visão panorâmica que introduz este artigo não se limita ao ponto de vista da abrangência territorial da exposição em tela, mas também abrange a ótica dos curadores que participaram da seleção e montagem do material, pois se combinaram às visões de sul-americanos, como Liernur e Comas, com a de norte-americanos como Bergdoll. Patricio del Real é um fator agregador interessante, pois sendo espanhol, mas trabalhando por anos nos EUA, inclui uma visão europeia no tratamento do tema, o que certamente o enriquece.

O artigo de Marilys Nepomechie e Eric Goldemberg descreve a montagem de uma exposição temática sobre conjuntos habitacionais de interesse social desenvolvidos no século XX na América Latina. O artigo aponta duas questões significativas: uma indireta, que evidencia a importância dada nos EUA às experiências arquitetônicas desenvolvidas na América Latina, especialmente as do pós-guerra, condição que o aproxima ao texto de Carlos Eduardo Dias Comas, que aborda temática similar; e outra direta, que demonstra como a apresentação de uma temática específica, neste caso a dos grandes conjuntos habitacionais de interesse social, pode construir uma abordagem mais ampla capaz de alcançar o significado maior da arquitetura, não sua essência, claro, mas sim suas intenções e a orientação geral que, pelo menos num determinado período da

história do ocidente, essa disciplina manifestou. É precisamente essa contextualização a razão pela qual, embora com tema centrado na produção latino-americana, a exposição situa outras experiências internacionais, como a dos metabolicistas, por exemplo, para colocá-las em sintonia com o que se estava fazendo na América.

O texto de Victoria Wilson nos traz as peripécias da montagem de uma exposição única em seu gênero. Afirmamos que é única por conta da união entre arquitetos de gerações diferentes num mesmo lugar de implantação, separados pelo tempo, mas com um específico projeto e cliente em comum. Referimo-nos às propostas para Mansion House Square em Londres, uma de 1962 e outra de 1984. Os arquitetos são: o alemão, naturalizado estadunidense, Ludwig Mies van der Rohe (1886-1969) e o inglês Sir James Frazer Stirling (1926-1992); o cliente, o magnata inglês Lord Peter Palumbo. Como afirma a autora, “tomada na sua totalidade, a história de Mansion House pode ser vista como um microcosmo fascinante das mudanças das atitudes da Grã-Bretanha para com a arquitetura [moderna e] contemporânea”, retomando a narrativa das alterações urbanísticas acontecidas na City londrina nos últimos cinquenta anos. A exposição em si foi pensada como um momento de reflexão sobre esse percurso histórico e cultural, estético e político, social e econômico, pelo qual passaram a arquitetura e seu entendimento (recepção e uso) por parte da sociedade. Uma volta às cir-

cunstâncias do passado com a precisa finalidade de pensar o presente.

Francesco Maggiore nos introduz no agitado mundo das instituições culturais que se dedicam à arquitetura, abrindo um campo que vincula exposições com coleções, bibliotecas, universidades e museus. A arte se apresenta como elemento ao mesmo tempo integrador e de contato permanente entre as diferentes exposições que o autor nos descreve. Nessa direção, e em favor de uma pesquisa filológica que analisa os aspectos reflexivos e autônomos do projeto de arquitetura, o autor percorre as exposições do austro-estadunidense Raimund Abraham (1933-2010), do espanhol Juan Navarro Baldeweg (1939), do holandês Jozef Maria Johannes (Jo) Coenen (1949), do norueguês Sverre Fehn (1924-2009), do estadunidense Steven Holl (1947), do português Alvaro Siza Vieira (1933) e do ítalo-argentino Clorindo Testa (1923-2013). Como afirma o autor, são “sete exposições monográficas dedicadas a sete mestres de arquitetura que têm definido algumas das orientações mais significativas da arquitetura contemporânea”.

Finalmente, encerrando o número, o texto de Pedro Azara, que tem duas partes, questiona, na primeira parte, através de uma narração pessoal, a procedência das peças que podem ser expostas numa exposição, especialmente nas exposições que usam obras arqueológicas. O caso mais recente dos conflitos bélicos no Oriente Médio, especialmente os que resultaram dos ataques do

Estado Islâmico, são centrais na argumentação do autor, mas evidenciam uma situação muito mais ampla que inclui o contrabando de obras de arte e o enorme mercado negro que se formou em torno delas. Azara assinala não só as questões relacionadas à qualidade e ao valor do exposto (cultural, artístico, também monetário), mas também à integridade ética e moral de quem expõe a obra (o que subentende não só o curador, mas a instituição que patrocina a exposição). A segunda parte narra de forma bastante detalhada como se põe em pé uma exposição, o que inclui: localização e seleção das obras, empréstimos entre instituições, traslado do material de um lugar a outro, salas, museografia (cenografia, montagem, iluminação, segurança), em última instância, o enorme trabalho do curador e seus colaboradores.

Esperamos que os trabalhos aqui reunidos sejam de interesse dos leitores de *arq.urb* e possam vir a incentivar e difundir o conhecimento nas Áreas de Arquitetura e Urbanismos, pois a nosso ver textos como os que se seguem promovem o debate e a reflexão crítica, que é, sem dúvida, a missão da revista.

Fernando G. Vázquez Ramos

Eneida de Almeida

Editores

